PGL510117 – Alegorias literárias e fantasmagorias da cultura

Utopias de lugares e linguagens em Agostinho da Silva

EMENTA: Tão desacreditada nos últimos tempos, a ideia-palavra-imagem de utopia pode ser revista a partir dos trabalhos e dias de Agostinho da Silva, poeta, ficcionista, filósofo, pedagogo, crítico literário e da cultura, homem de ação e visionário, que entre outras coisas lidou com uma questão sempre mal resolvida, mesmo porque quase sempre mal colocada ou sequer colocada: a das relações entre Brasil e Portugal. Em tempos e espaços de distopia, recoloca-se ou desloca-se também a questão do lugar que não existe e por isso mesmo é reinventado a cada instante, não lugar que se instala onde existamos, o pensemos e sintamos.

Aspectos da obra literária, filosófica e crítica de Agostinho da Silva, e o seu (não) lugar principalmente na cultura brasileira, mas também na portuguesa, e nas culturas onde houve colonização, serão considerados em relação a aspectos das obras de cineastas portugueses (Manoel de Oliveira e Pedro Costa) e brasileiros (Glauber Rocha e Julio Bressane), bem como de escritores, pensadores e educadores, como Darcy Ribeiro.

Como já referido, haverá também o trato com o interesse de Agostinho da Silva tanto com o espírito utópico quanto com o que podemos chamar de utopia de ação, uma paradoxal utopia de atos, tempos e espaços. Isso se relaciona ao messianismo, a ser considerado em termos do pensamento benjaminiano e de Ernst Bloch, bem como de uma vasta tradição que se estende de Portugal (do milenarismo à Revolução dos Cravos) ao Brasil, desde que este era uma “visão do Paraíso” até se tornar a Tropicália.